

Formação intelectual de rocha pombo e seus interlocutores teóricos (1879-1892)

Névio de Campos*

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a formação intelectual de Rocha Pombo, político e pensador paranaense, que viveu entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras dezenas de anos do novecentos, privilegiando o processo de sua interlocução com teóricos europeus e brasileiros no período entre 1879 e 1892. Apóia-se nas obras escritas por este intelectual, intituladas **A supremacia do ideal: estudo sobre educação**, publicada em 1883 e **Petrucello**, editada em 1892. Inscreve-se na história intelectual, portanto, propõe-se a restituir do ponto de vista sociológico, filosófico e histórico, o contexto de produção de sua obra, garantindo a compreensão das formas de percepção e de apreciação, ou seja, das modalidades específicas de pensar e de agir deste intelectual paranaense.

Palavras-chave: História; intelectual; cultura.

Abstract: The objective of this article is to analyze the intellectual formation of Rocha Pombo, politician and paranaense thinker, who lived between the last decades of century XIX and the first sets of ten of years of the nine hundred, privileging the process of its interlocution with European and Brazilian theoreticians in the period between 1879 and 1892. It is based in the workmanships written for this intellectual, entitled **The supremacy of the ideal: study on education**, published in 1883 and **Petrucello**, edited in 1892. It is enrolled in intellectual history, therefore, is considered to restitute it of the sociological, philosophical and historical point of view, the context of production of its workmanship, guaranteeing the understanding of the appreciation and perception forms, or either, of the specific modalities to think and to act of this paranaense intellectual.

Key-words: History; intellectual; culture.

A trajetória de Rocha Pombo foi marcada pela incursão em diversos campos, como o exercício do magistério, a atuação na área do jornalismo, na esfera política, principalmente no legislativo, na literatura, enfim, numa série de instituições culturais e políticas do Paraná e do Brasil. Maria Tarcisa Bega considerou que:

Rocha Pombo é uma personagem da história paranaense e brasileira que pode ser abordada em diversas facetas: jornalista, político, historiador oficial da República Velha, deputado provincial pelo Partido Conservador e mais tarde deputado federal pelo Paraná, filólogo e professor. Foi um romancista com extensa produção e com uma das poucas obras de prosa de ficção simbolista – No Hospício – publicada em 1905, bem como com incursões no ideário socialista e reformador social. (BEGA, 2001, p. 157-158)

Rocha Pombo iniciou sua atuação com dezoito anos no magistério das primeiras letras ao substituir seu pai, que fora professor em Morretes. Além disso, sua família teve

* Doutor em História da Educação. Professor Adjunto no Departamento de Educação, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

participação na vida política da cidade, pois seu pai teve rápida incursão na política local, pelo Partido Conservador, chegando à suplência de vereador. Rocha Pombo afirmava que aprendeu muito cedo o gosto pelas questões da política, pois tinha acesso a diversos jornais locais, nacionais e estrangeiros.

Rocha Pombo teve grande dificuldade para conhecer os grandes intelectuais de sua época, pois teve que lançar mão do autodidatismo para se inserir no debate teórico de seu tempo. Segundo BEGA (2001, p. 166), “firma-se como jornalista – o seu ganha-pão – diferentemente dos outros [simbolistas paranaenses] que conjugam a escrita a outra atividade que lhes garanta a sobrevivência”. No entanto, isso não o impediu de ler os autores filiados à Filosofia e à Ciência. De acordo com a autora,

...de escritor autodidata converte-se em filólogo, dominando idiomas como o inglês, francês e alemão. Isso lhe faculta o acesso ao pensamento de escritores como Kant, Nietzsche, Emerson, Carlyle, Lord Byron, Hypolite, Taine e outros, que serão a base de sua formação intelectual e que possibilitarão sua conversão, ainda jovem, à carreira de escritor. Tais influências se manifestam em suas obras, especialmente em A Supremacia do Ideal, ensaio filosófico escrito em 1882. (BEGA, 2001, p. 160)

No período em que esteve em Curitiba, Rocha Pombo consolidou sua relação com os ervateiros, iniciada no litoral. Nesse período, que vai de 1880 a 1883, consolidou-se “como jornalista influente, estando presente nos principais acontecimentos vividos em Curitiba” (BEGA, 2001, p. 160-161). A partir de 1880, Rocha Pombo centrou seus esforços em estudos teóricos, embora continuasse a sua atividade jornalística. Ele foi, no decorrer daquele ano,

tomando mais a sério o propósito de estudar. Quanto mais estudava, mais claramente compreendia o pouco que lucrava o meu espírito, a vista do que havia ainda a lucrar. As ciências seduziram-me logo. As letras me pareciam nada ter de verdadeiramente útil. Preferia ler M. Chevalier, Guizot, Bonneval etc., a matar o tempo com romances e poesias. (POMBO, 1883, p. 18-19, sem grifo no original)

Nesse processo de inserção na Filosofia e na Ciência, ele foi “aprendendo alguns nomes de sábios modernos, como Darwin, Littrè, Comte, Büchner, Spencer etc. Sentia um desejo insofrido de conhecer o que esses grandes homens sabiam” (POMBO, 1883, p. 20).

A obra *A supremacia do ideal: estudo sobre educação* (1883) foi expressão de seus estudos teóricos empreendidos a partir de 1880, na qual explicitou a sua crítica à ciência moderna. Nessa obra, Rocha Pombo já havia rompido com aquele posicionamento de desprezo que tinha pelas letras. Na introdução, o autor afirmava que seguiu a orientação central do livro *A religião do belo*, pois queria “tornar mais claras as minhas idéias, mais firmes as minhas teorias; pensei em dar outro livro que obedecesse ao mesmo plano do

primeiro, mas que fosse vazado num molde menos ideal, menos exclusivamente literário, mais filosófico, se me é permitido” (POMBO, 1883, p. 2). Naquela obra o autor expressava, de modo mais sistemático, o seu projeto cultural, no qual a educação ocupava um papel fundamental no processo de mudança dos modos de pensar, de sentir e de agir dos indivíduos.

Ele sustentava que

Devia buscar nos livros – na história e na ciência – a consagração do que muita gente terá chamado o meu idealismo. Ampliei o mais que me foi possível o plano primitivo. E abalancei-me a levar bem longe as minhas idéias, como quem tivesse autoridade: dei-lhes, a meu ver, um certo ar de verdade filosófica, de acordo com o próprio positivismo. (POMBO, 1883, p. 3)

O autor aliou o jornalismo e o estudo teórico, pois o primeiro consistiu em um espaço de intervenção direta na esfera da cultura paranaense; o segundo implicou em debruçar-se no debate teórico empreendido na Filosofia e no pensamento científico.

Em 1881, afirmava o autor,

Já as minhas idéias se iam reformando. Pouco me lembrava da política, e as letras me iam seduzindo, se bem que o estudo sério continuasse a parecer-me uma necessidade. Era-me impossível disfarçar muita predileção por Darwin, por Comte, por Littré etc. Um desejo impaciente me atormentava de conhecer Spencer. Apanhei um dia a *Expressão das emoções* de Darwin; mas desanimei ao chegar ao segundo capítulo; não porque me faltasse a coragem de leitor, mas porque queria aprender com *método* o grande sábio: era-me indispensável primeiro a *Origem das espécies*, porque sempre suspirei. Büchner e o grande naturalista inglês tinham completado em meu espírito o que Comte começara. (POMBO, 1883, p. 27)

Rocha Pombo estabeleceu interlocução com os autores brasileiros que se dedicavam ao estudo da filosofia positiva, como por exemplo, com Pereira Barreto. Essa situação caracterizou que o pensamento de Rocha Pombo seguiu processo semelhante de estudiosos brasileiros que estavam no Rio de Janeiro e em São Paulo, ou seja, ele seguiu a trajetória de parte da intelectualidade brasileira que, primeiramente, teve contato com a filosofia positiva de Comte e, posteriormente, com as idéias de Darwin, Spencer e outros. Essa intensa sensibilidade de Rocha Pombo em relação às idéias que circulavam no Brasil deveu-se ao fato de que “até 1879 o jornal, o livro e o parlamento fazem muito mais pelas concepções novas do que a escola” (BARROS, 1986, p. 332). Sob esse aspecto, é possível compreender Rocha Pombo debatendo o que estava se discutindo na capital do Império. Ele afirmava que para escrever os artigos publicados no início de 1881, na *Revista Paranaense*, cujos títulos eram “Questão negra” e “Filosofia para o povo”, empreendeu a leitura de Pereira Barreto, considerado o divulgador do positivismo no sul do Brasil, pois foi “a partir de 1874, com o início da publicação de *As três filosofias*, de Luiz Pereira Barreto, que o positivismo,

especialmente no sul, começará a mostrar toda a sua eficácia na luta pela transformação do país” (BARROS, 1986, p. 123).

No início dos anos de 1870, também os pensamentos de Darwin e outros encontraram espaço nos debates entre uma parte da intelectualidade brasileira. Em 1875, na Bahia, Domingos Guedes Cabral fez pesquisa sobre as funções do cérebro, fundamentada no darwinismo e no materialismo. Pereira Barreto, conforme BARROS (1986, p. 146), “já na sua Filosofia Metafísica, refere-se ao darwinismo, embora sem conhecimento direto da obra de Darwin, e revela estar informado sobre a obra de alguns materialistas modernos”. No artigo “Filosofia para o povo”, Rocha Pombo dialogava com algumas noções do darwinismo, das idéias de Büchner e da classificação das ciências de Comte,¹ o que evidencia que ele teve contato com os teóricos da filosofia positiva e da ciência moderna por meio da obra de Pereira Barreto.

As leituras feitas por Rocha Pombo dos teóricos da filosofia positiva e da ciência moderna resultaram, por um determinado período, em uma profunda adesão ao projeto científico moderno. Ele confirma esta assertiva ao dizer que ao escrever *Um folhetim a Voltaire*, em 1881, manifestava a sua adesão ao projeto da ciência moderna, pois estava convencido “de que o homem como todos os corpos, não é mais do que uma forma da manifestação da matéria” (POMBO, 1883, p. 28). Naquele momento, o intelectual paranaense estava convencido de que o materialismo científico constituía o modelo explicativo mais completo. No seu dizer,

Não me restava a menor dúvida: o filósofo alemão estava com a verdade.² Darwin me apresentara o homem, não como um conjunto permanente de formas plásticas determinadas, mas como um dos múltiplos moldes da *vida* animal, sujeito completamente a influência dos meios e ao atrito do tempo. (POMBO, 1883, p. 30)

Cabe ressaltar que o contato de Rocha Pombo com a obra *Deus na natureza*, de Camille Flammarion,³ representou a ruptura parcial com o projeto da ciência moderna. Ele teve acesso a essa obra por meio de Monteiro Tourinho, com o qual teve amizade desde sua chegada a Curitiba. Na *Revista Paranaense*, entre os quais estava Monteiro Tourinho, teve

¹ Na obra *A supremacia do ideal*, Rocha Pombo afirmava que no artigo “Filosofia para o povo” apresentou algumas idéias de Darwin, Buchner e Comte.

² Buchner afirmava que o homem era uma espécie de máquina. Essa tese teve forte impacto sobre o pensamento de Rocha Pombo. Mais tarde, ao aderir ao pensamento romântico, questionava aquela afirmação.

³ Camille Flammarion teve incursão pelo campo da Física, particularmente pela Astronomia. No entanto, é mais conhecido pelas obras escritas no âmbito da religiosidade. O seu centro de análise foi a teoria espírita. Ele viveu entre os séculos XIX e XX na França, tendo sido grande amigo de Allan Kardec.

contato com as Letras, pois aquele periódico, de publicação quinzenal, versava sobre produções poéticas, estudos sobre Ciências Políticas e Sociais, Crítica e História Literária, literatura científica, Geografia, História, Etnografia, Ciências Morais, Filosofia, agricultura, enfim, seu programa era muito amplo. Pode-se dizer então que o contato com outras expressões intelectuais representou mudanças no pensamento de Rocha Pombo, o que contribuiu sobremaneira no processo de organização da concepção de universidade proposta nos anos de 1890.

Em sua afirmação,

Fiz em meu espírito uma verdadeira transformação! Desde essa época [1881], adquiri a virtude de ter sonhos, de ver o lado poético da criação, de sentir as emoções do belo e do sublime – de soltar a minha alma, renovada e lépida, aos turbilhões do infinito. Flamarion não derreçara, a *meus* olhos, as afirmações do materialismo; mas dera-me um novo mundo, um mundo mais vasto, mais delicioso e brilhante a minha alma; dirigira o meu espírito para o ideal, que nunca a ciência positiva vencerá. (POMBO, 1883, p. 32)

Ele explicitava a sua crítica ao projeto da ciência moderna, embora não recusasse a contribuição do saber científico. Ele rompia com a visão reducionista do conhecimento científico, pois considerava que o ser humano era mais do que afirmava a ciência. Ele dizia que abraçou “apaixonadamente as letras, sem deixar arrefecer o amor da ciência. Um artigo que escrevi, sob o título – *A nossa literatura* –, para o periódico *Província do Paraná*, marca a transição” (POMBO, 1883, p. 33). A partir de 1881, Rocha Pombo estava dialogando com o pensamento romântico, mas não era um intelectual avesso à Ciência, nem apóstolo da filosofia científica; não era um pensador alheio ao poder da poesia, da religião, do mito, enfim, da arte em geral, nem um seguidor exclusivista desses saberes. Sustentava Rocha POMBO (1883, p. 33-34),

Pela Religião do belo, compreender-se-á perfeitamente o estado a que chegou o meu espírito. Todas as minhas crenças devem consubstanciar-se nisto: saber é bom, mas é preciso saber e ter sonhos, sonhar e ter Deus. Excluída a poesia, o esplendor de um Deus, não há encanto algum para a alma, não há doçura na vida.

Ao se aproximar do romantismo, ele preconizava unir saber e sonhos, o que não caracterizava contradição, pois, de acordo com Antônio CÂNDIDO (1981, p. 73), “o amor à ciência, o culto do ciclo histórico, a transcendência verbal, se enquadram perfeitamente nos aspectos messiânicos do Romantismo, na sua visão exaltada do progresso, no culto ao saber”.⁴

⁴ O Romantismo foi um movimento iniciado na Europa do fim do século XVIII e primeiro quartel do XIX. Ele se constituiu, segundo Benedito NUNES (1978, p. 52), a partir de “várias fontes, filosóficas, estéticas e religiosas próximas e reabriram-se veias mágicas, míticas e religiosas remotas”. Ele relativizava as bases da sociedade industrial moderna. Entretanto, não desconhecia o papel da Ciência e da filosofia racional. O que ele

Na obra *Petrucello*, afirmava: “o que mais impressiona entre os modernos é o estado de completa desorientação em que se acham, no meio da geral anarquia do espírito humano – característica da crise atual. Pouca coisa é necessária a uma obra prima ao gosto moderno” (POMBO, 1892, p. 44).

Vinculado ao movimento romântico, Rocha Pombo indicava na obra *A supremacia do ideal* o seu projeto educativo, no qual expressava o seu desencanto com a instrução e com a sociedade da época e lançava as bases para o seu ideal societário. O romantismo insere-se no cenário cultural brasileiro a partir dos anos de 1820, mas foi a partir dos anos de 1860 que ganha maior relevância. No Paraná, nos anos de 1870, surgiram alguns admiradores do romantismo, porém foi nos anos subsequentes que este movimento se constituiu, ou melhor, conforme afirmava Nestor Vitor dos Santos, em sua *Obra crítica*, de 1969, “com R. Pombo outros rapazes de seu tempo bruxuleavam, querendo fazer da recente e ainda tão acanhada Província mais um núcleo intelectual no Brasil” (SANTOS, 1969b, p. 63). Ao se aproximar do Romantismo, Rocha Pombo se mostrava sem expectativa positiva em relação ao projeto de modernidade que estava em curso, o que o caracterizava como crítico ao projeto moderno de arte, pois, para ele,

Tudo é pequeno entre os modernos (queria dizer entre os homens do naturalismo ou do realismo) porque o espírito de seita literária é o escolho onde naufragam os homens de talento. Quem quiser sentir e criar, com outra preocupação exclusiva da grande arte, será pigmeu. Os gigantes e enervantes dissensões com que se entretêm os médiocres. (POMBO, 1892, p. 42)

Não obstante, acreditava na possibilidade de constituir a sociedade ideal, desde que a humanidade recorresse

...aos sentimentos religiosos que favorecem e dulcificam a vida mística; à poesia, ao exercício das belas emoções, que podem trazer a alma n'uma espécie de contemplação sobrenatural das suas próprias belezas, do que ela tem de mais puro e elevado e de todos os encantos que ela descobre nas maravilhas da criação. (POMBO, 1883, p. 302)

A preocupação de Rocha Pombo era com a renovação cultural. No dizer do autor:

Que é a filosofia, que é a ciência sem a arte? Só compreende o grande talento, o verdadeiro gênio, na sua qualidade de artista. Não! Não se entregará a estudos que embotam as faculdades emocionais. Há de aborrecer para sempre tudo que não convergir para o grande templo da arte – centro de toda a vida espiritual. (POMBO, 1892, p. 69, sem grifo no original)

Essa passagem é fundamental para entender a relação de Rocha Pombo com o pensamento alemão, particularmente com Goethe e com Nietzsche.⁵ No entanto, ele não cancelou a contribuição da ciência, mas acreditava que a renovação cultural estava condicionada à arte romântica.

Ao mesmo tempo em que o autor tecia críticas à modernidade, vislumbrava a modernidade. Certamente são projetos de modernidade diferentes, pois Rocha Pombo “imaginava uma cidade, ou antes, uma nação moderna, dirigida por homens muito sábios e em cuja vida se imprimia toda a influência do espírito do século” (POMBO, 1892, p. 63). Ao postular o papel do sábio como dirigente da sociedade estava defendendo a superioridade do homem esclarecido. O sábio não seria o cientista, e sim o artista, o grande artista, indivíduo com capacidade de pensar a Ciência à luz da Arte, e a Arte sob o olhar da vida. Rocha Pombo freqüentemente manifestava seu desencanto pela transformação propagada pela reforma das leis, embora propusesse reformas do estado no período em que foi legislador, mas não acreditava na possibilidade de constituir o seu ideário societário apenas pelas mudanças das leis. Era um intelectual encantado com a ação pedagógica, haja vista que o processo de constituição de seu projeto cultural estava vinculado ao projeto educativo. Não pregava a educação estritamente da elite, mas propunha a educação universal, ou seja, a educação do povo. A sua crítica se endereçava à precária ação pedagógica, bem como à inexpressiva taxa de atendimento no ensino das primeiras letras.

A direção da nação deveria ser tarefa de uma elite esclarecida, formada por sólida educação científica e artística. Entre a intelectualidade brasileira daquele contexto a idéia predominante era a de que “é a alta cultura, especialmente de índole científica, que produz as prosperidades materiais, que pode enriquecer o país, torná-lo saudável e feliz” (BARROS, 1986, p. 207). Rocha Pombo acreditava que a prosperidade material do Brasil dependia do desenvolvimento do saber científico, porém, o desenvolvimento cultural da humanidade era tarefa da Arte.

A noção de modernidade de sua época estava imbuída sobremaneira pelo domínio da ciência moderna. A ele este projeto não servia, pois a ciência não era tudo. As esferas das Letras deveriam ser consideradas como saberes importantes no processo de formação do indivíduo.

⁵ Embora o pensamento de Nietzsche seja compreendido em três momentos, nos quais há rupturas e continuidades, as idéias de Rocha Pombo, presentes nas obras *A supremacia do ideal* e *Petruccello* se aproximam das duas primeiras fases do pensamento do filósofo alemão. Para aprofundar a compreensão dessa divisão, é possível consultar a obra *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*, de Scarlett Marton.

Os interlocutores de Rocha Pombo foram diversos.⁶ Até o início dos anos de 1880, os representantes da ciência moderna tiveram profundo impacto no pensamento daquele intelectual; posteriormente, estava dialogando com o movimento romântico, o que caracterizou dois momentos de significativas mudanças no pensamento desse intelectual paranaense.

Referências

BEGA, M. T. S. No centro e na periferia: a obra histórica de Rocha Pombo. In: LOPES, M. A. **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Sonho e invenção do Paraná**: geração simbolista e a construção de identidade regional. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia – FFCH – USP.

BARROS, R. S. M. de. **A ilustração brasileira e a idéia de universidade**. São Paulo: EDUSP, 1986.

CAMPOS, N. Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade: 1892-1950. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado em História da Educação). Setor de Educação – UFPR.

CÂNDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

MARTON, S. **Nietzsche**: das teorias cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense, 1990.

POMBO, F. Rocha. **A supremacia do ideal**: estudo sobre educação. Castro: Tipografia Echo dos Campos, 1883.

_____. **Petrucello**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1892.

⁶ Na obra *A supremacia do ideal*, Rocha Pombo citava diversos autores com os quais demonstrava estabelecer algum tipo de diálogo, como por exemplo, Littré, Comte, Spencer, Darwin, Pereira Barreto, Buffon, Cuvier, Condillac, Destutt-Tracy, Kant, Hegel, Renan, Turgot, Humboldt, Lamartine, Flamarion, Vitor Hugo e outros.